

O SEMEADOR VAI AO CAMPO DE TULIPAS

Mário César Lopes Júnior¹

RESUMO

A metáfora da vida cristã como uma planta é bem conhecida do público pentecostal. Um dos principais textos bíblicos que abordam esse tema é a Parábola do Semeador, que é harmonizada. Por outro lado, o cristão é constantemente instado a produzir frutos. Uma análise é feita para definir que frutos seriam esses e se correspondem a obras. A relação entre a fé e as obras, bem como a importância destas para a salvação é uma fonte recorrente de debates, principalmente quando se comparam as teologias de Paulo e Tiago. A análise da Parábola é, então, utilizada para harmonizar os ensinamentos desses dois doutrinadores. A metáfora do cristão como lavoura de Deus é ilustrada graficamente e sistematizada em um ciclo de vida cristã. Por fim, as implicações deste estudo em relação ao esquema TULIP, tradicionalmente empregado como representativo da soteriologia reformada calvinista, são apresentadas.

Palavras-Chaves: semeador, fé, obras, tulip, calvinismo.

ABSTRACT

The metaphor of christian life as a plant is well known to pentecostal public. One of the main biblical texts that addresses this theme is the parable of the sower, which is harmonized. On the other hand, the christian is constantly urged to bear fruits. An analysis is made to define what fruits these would be and whether they correspond to works. The relationship between faith and works, as well as their importance for salvation, is a recurring source of debates, especially when one compares the theologies of Paul and James. The analysis of the parable is then used to harmonize the teachings of these two doctrinators. The metaphor of the christian as crop of God is graphically illustrated and systematized in a christian life cycle. Finally, the implications of this study for the TULIP scheme - traditionally employed as a representative of calvinist reformed soteriology - are presented.

Keywords: sower, faith, works, tulip, calvinism.

1. A METÁFORA DA VIDA CRISTÃ COMO LAVOURA/EDIFÍCIO DE DEUS

Um leitor atento encontrará, em diversas partes do texto bíblico, uma analogia entre a vida de uma planta e a vida cristã. Isso faz sentido, pois várias circunstâncias da vida

¹ Engenheiro Civil pela UFAL, Mestre em Engenharia de Estruturas pela EESC/USP, Graduando em Filosofia na UNITER (EAD). Autor de “Um Estudo Sobre a Natureza Divina do Messias” (ISBN 978-85-9181351-3). Professor da Escola Bíblica Dominical no Templo-Sede em Maceió (AL). E-mail: mclopesjr@hotmail.com.

(material) de um vegetal têm paralelo na vida (espiritual) cristã: nascimento, dependência de água e de cuidados, crescimento, produção de frutos etc (Sl 1.3;. Jr 17.7,8; Jo 15.5,16; I Co 3.6,9). Essas passagens podem ser utilizadas para ajudar a esclarecer o importante tema do relacionamento entre fé e obras, bem como o papel das obras na vida espiritual do cristão.

2. HARMONIZAÇÃO DA PARÁBOLA DO SEMEADOR

A Tabela 1, a seguir, apresenta uma harmonização do relato da Parábola do Semeador nos três Evangelhos Sinóticos (Mt 13.3-9,18-23; Mc 4.3-9,14-20; Lc 8.5-8,11-15).

Mateus 13.3-9,18-23.	Marcos 4.3-9,14-20.	Lucas 8.5-8,11-15.
E falou-lhes muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear. (3)	Ouvi: Eis que o semeador saiu a semear; (3)	Saiu o semeador a semear a sua semente. E quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho; e foi pisada, e as aves do céu a comeram. (5)
E quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e as comeram. (4)	e aconteceu que, quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. (4)	
E outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra; e logo nasceu, porque não tinha terra profunda; (5)	Outra caiu no solo pedregoso, onde não havia muita terra; e logo nasceu, porque não tinha terra profunda; (5)	Outra caiu sobre pedra; e, nascida, secou-se porque não havia umidade. (6).
mas, saindo o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou-se. (6)	mas, saindo o sol, queimou-se; e, porque não tinha raiz, secou-se. (6)	
E outra caiu entre espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram. (7)	E outra caiu entre espinhos; e cresceram os espinhos, e a sufocaram; e não deu fruto. (7)	E outra caiu no meio dos espinhos; e crescendo com ela os espinhos, sufocaram-na. (7)
Mas outra caiu em boa terra, e dava fruto, um a cem, outro a sessenta e outro a trinta por um. (8)	Mas outras caíram em boa terra e, vingando e crescendo, davam fruto; e um grão produzia trinta, outro sessenta, e outro cem. (8)	Mas outra caiu em boa terra; e, nascida, produziu fruto, cem por um. Dizendo ele estas coisas, clamava: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (8)
Ouvi, pois, vós a parábola do semeador. (18)	O semeador semeia a palavra (14).	É, pois, esta a parábola: A semente é a palavra de Deus.
A todo o que ouve a palavra do reino e não a entende, vem o Maligno e arrebatou o que lhe foi semeado no coração; este é o que foi semeado à beira do caminho. (19)	E os que estão junto do caminho são aqueles em quem a palavra é semeada; mas, tendo-a eles ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que neles foi semeada. (15)	Os que estão à beira do caminho são os que ouvem; mas logo vem o Diabo e tira-lhes do coração a palavra, para que não suceda que, crendo, sejam salvos. (12)
E o que foi semeado nos lugares pedregosos, este é o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria; (20) mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e sobrevindo a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza. (21)	Do mesmo modo, aqueles que foram semeados nos lugares pedregosos são os que, ouvindo a palavra, imediatamente com alegria a recebem; (16) mas não têm raiz em si mesmos, antes são de pouca duração; depois, sobrevindo tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam. (17)	Os que estão sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; mas estes não têm raiz, apenas crêem por algum tempo, mas na hora da provação se desviam. (13)

Tabela 1: Harmonia dos Evangelhos Sinóticos em relação à Parábola do Semeador.

Mateus 13.3-9,18-23.	Marcos 4.3-9,14-20.	Lucas 8.5-8,11-15.
E o que foi semeado entre os espinhos, este é o que ouve a palavra; mas os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas sufocam a palavra, e ela fica infrutífera. (22)	Outros ainda são aqueles que foram semeados entre os espinhos; estes são os que ouvem a palavra; (18) mas os cuidados do mundo, a sedução das riquezas e a cobiça doutras coisas, entrando, sufocam a palavra, e ela fica infrutífera. (19)	A parte que caiu entre os espinhos são os que ouviram e, indo seu caminho, são sufocados pelos cuidados, riquezas, e deleites desta vida e não dão fruto com perfeição. (14)
Mas o que foi semeado em boa terra, este é o que ouve a palavra, e a entende; e dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta. (23)	Aqueles outros que foram semeados em boa terra são os que ouvem a palavra e a recebem, e dão fruto, a trinta, a sessenta, e a cem, por um. (20)	Mas a que caiu em boa terra são os que, ouvindo a palavra com coração reto e bom, a retêm e dão fruto com perseverança. (15)

Tabela 1: Harmonia dos Evangelhos Sinóticos em relação à Parábola do Semeador (continuação).

Poderíamos sintetizar os três relatos na Tabela 2 e comentá-los em seguida:

Semente e local	O que aconteceu	Resultado	Interpretação
(1 ^a) À beira do caminho.	As aves a comeram. Foi pisada (Lc).	Perdeu-se ANTES de nascer.	Ouvem. Não entendem (Mt). O Maligno arrebatou do coração (Mt). Satanás tira a palavra (Mc). O Diabo tira do coração (Lc).
(2 ^a) Em lugares pedregosos (Mt). No solo pedregoso (Mc). Sobre pedra (Lc).	Não havia muita terra, logo nasceu, não tinha terra profunda (Mt e Mc). Saindo o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou-se (Mt e Mc). Nascida, secou-se porque não havia umidade (Lc).	Perdeu-se DEPOIS de nascer.	Ouvem e recebem com alegria. Crêm por algum tempo (Lc). Angústia, perseguição e escândalo (Mt). Tribulação ou perseguição e escândalo (Mc). Provação e desvio (Lc).
(3 ^a) Entre espinhos.	Os espinhos cresceram e a sufocaram. Não deu fruto (Mc).	Perdeu-se DEPOIS de nascer.	Ouvem. Cuidados do mundo e sedução das riquezas. Cobiça (Mc). Deleites (Lc).
(4 ^a) Em boa terra.	Deu fruto. 100 por 1 (Lc) 100/60/30 por 1 (Mt, Mc) Vingou e cresceu (Mc). Nasceu (Lc).	Nasceu, cresceu e frutificou.	Ouvem e dão fruto. Entendem (Mt). Recebem (Mc). Retêm, com coração reto e bom, com perseverança (Lc).

Tabela 2: Explicação da Parábola do Semeador.

Lucas registra que a primeira semente caiu à beira do caminho e foi “pisada” antes de ser comida pelas aves. Essa mesma expressão foi registrada por Mateus na descrição do que deveria acontecer ao sal “insípido”, numa metáfora do cristão que perdeu sua capacidade, tanto de influenciar quanto de preservar moralmente o mundo (Mt 5.13; Mc 9.50; Lc 14.34). “À beira do caminho” ilustra que a semente nem sequer encontrou condições para germinar, ou seja, que a palavra nem sequer foi entendida (Mt 13.19).

A segunda semente ilustra as pessoas que recebem a palavra superficialmente. Logo, a fé tanto surge quanto acaba facilmente, pois a pouca quantidade de terra permite que a planta germine rapidamente (há pouco obstáculo), mas não possibilita a formação de raízes, que são responsáveis por nutrir e sustentar a planta. O calor do sol, a falta de raízes e a falta de umidade foram citadas como a causa da morte da planta. Essas situações são usadas para ilustrar angústia, perseguição, tribulação e provação por causa da Palavra.

A terceira semente representa as pessoas que tentam servir a “dois senhores” (Mt 6.24; Lc 16.13): mundanismo, ganância, cobiça e deleites desta vida tornam a semente infrutífera.

Por fim, na Parábola do Semeador, a vida do cristão é representada pela quarta semente. Nessas pessoas, Jesus ilustrou que a vida começa quando o pecador além de “ouvir” a Palavra de Deus, a “entende”, “recebe” ou “retém”. Isso significa que a boa semente caiu em boa terra (Mt 13.8; Mc 4.8; Lc 8.11), vingou (ou nasceu), cresceu e deu frutos (multiplicou-se, Mt 13.23; Mc 4.20; Lc 8.15). Lucas registra como a salvação encontra o homem: **através da fé** (Lc 8.12). É também a condição que Paulo ensina (Rm 10.9; Ef 2.8,9). Nesse caso, é muito importante perceber a analogia existente entre crer (e ser salvo) e o nascimento (germinação) da planta.

3. AS OBRAS DO CRISTÃO COMO RAIZ (FUNDAMENTO E PRÁTICA) E SEMENTE (MULTIPLICAÇÃO) DA PLANTA

Se pensarmos como um agricultor, veremos que o que interessa na planta é a obtenção de **frutos** (ou das sementes que os acompanham). Obviamente, isso só é possível se a planta estiver com boas **raízes**, capazes tanto de sustentá-la quanto de nutri-la ao longo do seu crescimento até atingir a fase adulta. Essas duas partes da planta são contempladas na Bíblia quando se descreve a vida espiritual do crente, sendo chamados, metaforicamente, de “fruto”. O texto bíblico esclarece que, como são comparáveis à lavoura de Deus, os cristãos devem produzir dois tipos de “fruto”: do Espírito e da Palavra.

- O **Fruto do Espírito**: a novidade de vida proporcionada por um temperamento transformado, colocando-se em prática as regras em que se acredita (Mt 3.8; 7.24-27; Lc 6.47-48; Rm 6.22; I Co 3.9-11; 10.4; 11.1; II Co 5.17; Gl 5.22-23; Tg 1.22; I Jo 2.6).

Esse primeiro fruto está relacionado ao conceito de que é necessário vivenciar o Evangelho de modo prático, ou seja, à colocação da fé em prática. Os cristãos são convocados por Paulo a ser imitadores de Cristo (I Co 11.1), vivenciando sua fé no dia-a-dia. O próprio Jesus Cristo esclareceu a importância dessa prática na Parábola Sobre os Dois Fundamentos (Mt 7.24-29; Lc 6.47-48): colocar as palavras de Cristo em prática seria

equivalente à execução do alicerce de uma casa, que Paulo compara ao fundamento de um edifício (I Co 3.9-11). Em ambos os casos, tanto o alicerce quanto o fundamento **seriam equivalentes às raízes da planta na Parábola do Semeador**. Obviamente, uma casa sem alicerce (ou um edifício sem fundamento) não se sustenta, assim como uma planta sem raiz (ou que tenha perdido a raiz). A planta estaria fadada a morrer, assim como a casa estaria fadada a ruir. Por outro lado, tal qual uma planta com um sistema radicular profundo e ramificado, e uma casa com um alicerce sólido, um cristão que põe a Palavra de Deus em prática tem uma vida espiritual edificada. Tiago protesta veementemente contra os cristãos que não cumprem (praticam) a Palavra (Tg 1.22-25; 2.14-26).

Portanto, colocar a palavra de Deus em prática é semelhante a edificar uma casa que tenha um alicerce profundo, firmado na rocha. Significa uma vida espiritual baseada em Cristo, estável perante as intempéries. A Figura 1, abaixo, ilustra a situação e sugere a pergunta: em qual das duas casas seria desejável morar?

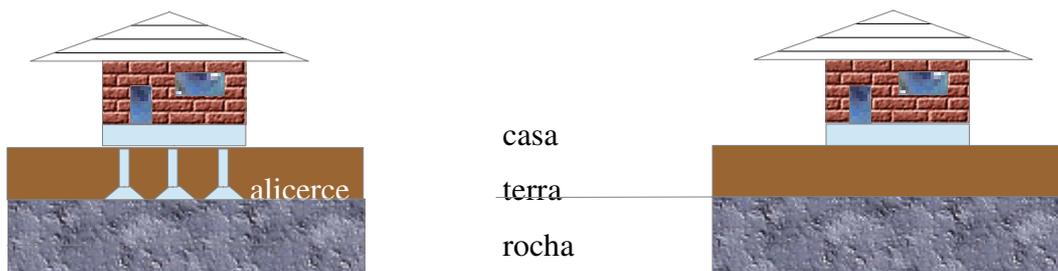


Figura 1: Os Dois Fundamentos.

- O **Fruto da Palavra**: o efeito multiplicador da evangelização e discipulado (Mt 13.23; 28.19; Mc 4.20; Lc 8.15; Jo 15.5,16; Rm 10.14; I Co 3.6; 9.16; Gl 4.19; I Ts 2.19,20).

Esse segundo fruto - igualmente importante - está relacionado ao o conceito de que **é necessário multiplicar a fé**, ou seja, compartilhar com outros o que se aprendeu, tal qual uma semente (depois de germinar e crescer) produz frutos (que nada mais são do que novas sementes). **Equivale, na Parábola, do Semeador, aos frutos produzidos pela planta**. Paulo conclamou os cristãos a multiplicar a semente (I co 9.16). As comissões de Jesus também mostram bem essa ideia (Mt 28.19,20; Jo 15.5,16).

É preciso lembrar que um **discípulo** é, na verdade, alguém que está sendo preparado para se tornar um futuro **mestre**, o que corrobora o sentido de multiplicação. Enquanto isso, é o esforço necessário para cuidar do desenvolvimento do discípulo que define o verdadeiro **mestre**, ou seja: aquele que prepara discípulos, e não aquele que apenas ensina a alunos.

Outro ponto importante é que ambos os “frutos” aqui citados consistem de **ações e atitudes requeridas dos cristãos**, portanto, podem ser entendidos (em sentido amplo) como “obras”. Não se tratam de obras da lei mosaica, mas sim de outro tipo de obras: as obras da fé, ou seja, obras praticadas como **resultado** de uma fé prévia (Ef 2.10).

Porém, apesar de consequência da fé, essas obras são essenciais para sua **manutenção**. Um cristão que não evangeliza, deixa de cumprir um mandamento de Cristo e, portanto, deixa de ser cristão: é uma **planta sem fruto (semente)**, que só serve para ser jogada fora (Mt 3.10; 7.17-19; 21.18-19; Lc 13.6-9; Jo 15.1,2,4-6). Por outro lado, um cristão que não coloca a fé em prática é hipócrita (Lc 11.46; Tg 1.22-25; 2.14-26): é uma **planta sem raiz** (fadada a morrer) ou uma casa sem alicerce (fadada a tombar).

Portanto, poderíamos resumir a discussão desse ponto pela Tabela 3, a seguir:

NA PLANTA DA PARÁBOLA	NA BÍBLIA		NA VIDA CRISTÃ (SIGNIFICADO)	
Semente original	Palavra de Deus			
Lançar a semente			Evangelismo	
Boa terra	Pecador arrependido, que teve fé			
O germinar da semente (nascimento da planta)	Salvação pela Fé (Lc 8.12)		Nova vida em Cristo (Jo 3.3-7)	
planta	Lavoura de Deus		Vida espiritual	
Raízes (fundamento)	“Frutos”	Fruto do Espírito	“Obras da fé”	Prática da virtude cristã amadurecimento
Frutos (novas sementes)		Fruto da Palavra		Evangelização multiplicação

Tabela 3: Explicação Adicional da Parábola do Semeador.

4. FÉ E OBRAS – HARMONIZANDO OS ENSINOS DE PAULO E TIAGO

Na Parábola do Semeador, como já mencionado, existe um paralelo entre crer (e ser salvo) e o nascimento (ou a vida) da planta (germinar da semente em uma boa terra). Porém o papel das obras em relação à salvação, bem como o seu relacionamento com a fé não parece ter sido muito bem esclarecido. Para ajudar, vamos chamar atenção para alguns pontos nos escritos de Paulo e Tiago, com base nas questões seguintes e na Tabela 4, que as acompanha.

A) Afinal, a que correspondem as obras?

Como já mencionado, as obras podem ser consideradas como ações e atitudes requeridas dos cristãos. Para Paulo, as **obras da lei** correspondem à observância legalista dos

aspectos rituais da lei mosaica. Paulo nega a eficácia dessas obras, **praticadas ANTES da conversão**, para a salvação. O conceito básico de Paulo é de que a salvação não depende das obras, ou seja a planta não precisa de raiz, nem de frutos para germinar (nascer, passar a ter vida), até mesmo porque precisa germinar, antes, para ter raiz e chegar a produzir frutos.

Para Tiago, as **obras da fé** são atos de amor e misericórdia praticados pelos cristãos em cumprimento à Lei da Liberdade (Lei de Cristo), **praticadas DEPOIS DA conversão**. Seria de se esperar que uma planta que esteja viva (fé) tenha raízes (fundamentos, exercício prático da fé) e frutos. Afinal, as obras (raiz e frutos) são consequência natural (e indicativo da existência) da fé (vida da planta). O conceito básico de Tiago é o de que uma planta não pode existir sem raiz, significando que um cristão que não coloca sua fé em prática perderá a sua fé (e, por conseguinte, sua salvação, aqui representada pela vida da planta).

Obviamente, o próprio Jesus salientou que também não pode haver planta sem fruto na lavoura de Deus (Mt 3.10): Ele a lança fora. Essa é uma questão bastante séria, mas raramente abordada.

B) Por que a fé sem as obras é morta?

A fé, sem as obras, é morta porque **está** morta. Isso parece óbvio. O que não é óbvio é admitir que a fé está morta porque morreu. Mas, se morreu, é porque estava “viva”. Obviamente, apenas aquilo que está vivo está sujeito a morrer. Isso aponta para o fato de que **a fé é anterior às obras**. Então, talvez fosse melhor dizer: “**a fé, sem as obras, morre**”.

Em outras palavras, a fé pode até surgir, e salvar. Mas, sem as obras, a fé morrerá (seja acabando, seja se transformando em uma ilusão). Nesse caso, a salvação não se mantém: torna-se igualmente uma ilusão.

C) Não há conflito entre “fé com obras” e “fé sem obras” porque simplesmente não existe “fé sem obras”.

Se a “fé sem obras” morre, já não mais existe. Assim como um soldado morto não combate, um motorista morto não dirige e um atleta morto não compete. A fé sem obras não existe, assim como não pode existir planta sem raiz ou fruto na lavoura de Deus. A planta sem raiz morre; a planta sem fruto é arrancada da lavoura (Mt 3.10).

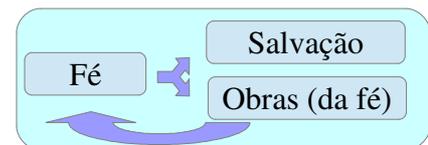
O que comumente se considera “fé sem obras”, na verdade, não é fé genuína. É uma “fé no eu”, ou seja, é um tipo de fé egocêntrica que estipula em que medida o Evangelho deve ser exercido. Pode ser uma “fé de banco de igreja”, dos que até tentam levar uma vida de santidade, mas acomodada, porque não pregam a Palavra. Pode ser uma “fé hipócrita”, dos

que não abandonaram o velho homem, mas proclamam-se como pregadores do Evangelho. Trata-se de uma ilusão, uma pseudo-fé, ou seja, a pessoa acha que tem fé. Mas, na prática, a sua fé é definida pelo que o seu EU define como apropriado. Não é fé e, muito menos, pode salvar.

Na prática, é a situação de alguém que diz crer em Cristo, mas não tem compromisso com os dois princípios da vida cristã. Crer em Cristo e não viver uma nova vida (na prática) ou crer em Cristo e não evangelizar. Que fé é essa? É um tipo de fé em Cristo sem segui-lo ou obedecê-lo. Essa fé pode salvar? Claro que não, porque não é uma fé genuína. É uma fé na própria pessoa, que se acha no direito de obedecer apenas ao que lhe convém. Não é uma fé em Cristo (I Jo 2.6).

Podemos então concluir que uma vida cristã hipócrita, tanto quanto uma vida cristã sem evangelismo, são incompatíveis com o verdadeiro cristianismo. Qualquer que seja a “fé” atribuída a esses dois estilos de “suposto cristianismo” não é uma fé capaz de salvar, pois se trata de uma pseudo-fé.

D) A relação entre fé e obras não é de causa e efeito, mas sim de dependência para continuidade.



Não há dependência entre salvação e obras, mas entre salvação e fé. A salvação ocorre pela graça de Deus e depende unicamente da fé (Ef 2.8,9).

A relação entre fé e obras, porém, é um pouco mais complexa. Em primeiro lugar, não há parceria (paralelismo) entre fé e obras, mas dependência. A fé (salvação/vida da planta) depende das obras (prática/raiz e evangelismo/novas sementes) para continuar existindo.

Porém, isso não quer dizer que a fé dependa das obras para surgir. A fé, para surgir, depende apenas de a semente da Palavra de Deus encontrar a “boa terra”, ou seja, encontrar espaço no coração do pecador, que ouviu, entendeu, recebeu e reteve a Palavra. Nesse caso, a semente da Palavra de Deus pode germinar e a planta passa a ter vida (representando a salvação do pecador). Porém, para a fé continuar existindo, ou seja, para a planta permanecer viva, o cristão precisa “colocar em prática” sua fé, de modo a produzir os 2 frutos: do Espírito (novidade de vida) e da Palavra (discípulos), ou seja, a planta precisa de raiz e de produzir novas sementes.

As obras não são consequência automática da fé, como muitos afirmam. Isso depende da atitude (escolha) do cristão para praticar a palavra. Se isso acontecer, as obras serão o “alimento” da fé e a fé será multiplicada. Em outras palavras, o aperfeiçoamento da fé (Tg 2.22) depende das obras (ações) do mesmo modo que a vida da planta depende da raiz; já

a multiplicação da fé será conseqüência da evangelização, assim como a multiplicação da planta depende da produção de novas sementes (frutos da planta).

5. RELAÇÃO ENTRE FÉ, EVANGELISMO E OBRAS: A LAVOURA DE DEUS

É possível ilustrar os temas discutidos até aqui, e já elencados na Tabela 3, aprofundando um pouco a discussão, conforme exposto na Tabela 5 a seguir:

		Paulo	Tiago
Alegação inicial		Pela “fé” somente	Por “fé e obras”, fé sem obras é morta.
Conceitos de “obras”	1a. opção: diferentes	Obras da lei: observância legalista dos aspectos rituais da Lei Mosaica.	Atos de amor e misericórdia praticados pelos cristãos em cumprimento à Lei do Amor.
	2a. opção: semelhantes, mas contextos em relação à conversão diferentes	Nega a eficácia das obras praticadas ANTES da conversão.	Apela para a necessidade absoluta de obras praticadas DEPOIS da conversão.
Problema enfrentado		Obras praticadas em obediência a Deus como base para justificação.	Fé teórica, descompromissada, sem ações, sem frutos, sem resultados práticos para a vida.
Sentido da justificação		Condicional: a fé é a única condição para a justificação perante Deus .	Demonstrativo: As obras são único modo de demonstração da justiça perante os homens .
Tempo da justificação		Declaração inicial de justiça. (Garantia inicial)	Declaração final de justiça. (Veredito final)
Dupla justificação de Abraão		Antes de qualquer obra, pela fé. Ao atender o chamado de Deus (Gn 12.4; 15.6).	Tendo aperfeiçoado a fé pelas obras. Ao crer que Deus poderia ressuscitar Isaque (fé, Hb 11.19) e ao oferecê-lo em sacrifício (obras, Gn 22.9-12).
Situação de Raabe			Declaração final de justiça (veredito final) Uma prostituta que creu em Deus (fé, Js 2.11; Hb 11.31) e acolheu os espias (obras, Js 2.1).

Tabela 4: Harmonização dos Escritos de Paulo e Tiago.

					
Na Parábola	Semente	Semeadura	Boa terra	Germinar	Crescimento
Na Bíblia	Palavra de Deus.	Evangelismo	Pecador arrependido.	Salvação pela fé.	Frutos
Na vida cristã			Fé.	Nova vida em Cristo.	Prática e Evangelismo.

Tabela 5: A Lavoura de Deus.

6. O CICLO DE VIDA DO CRISTÃO

O raciocínio exposto até aqui pode ser resumido na Figura 4 a seguir.

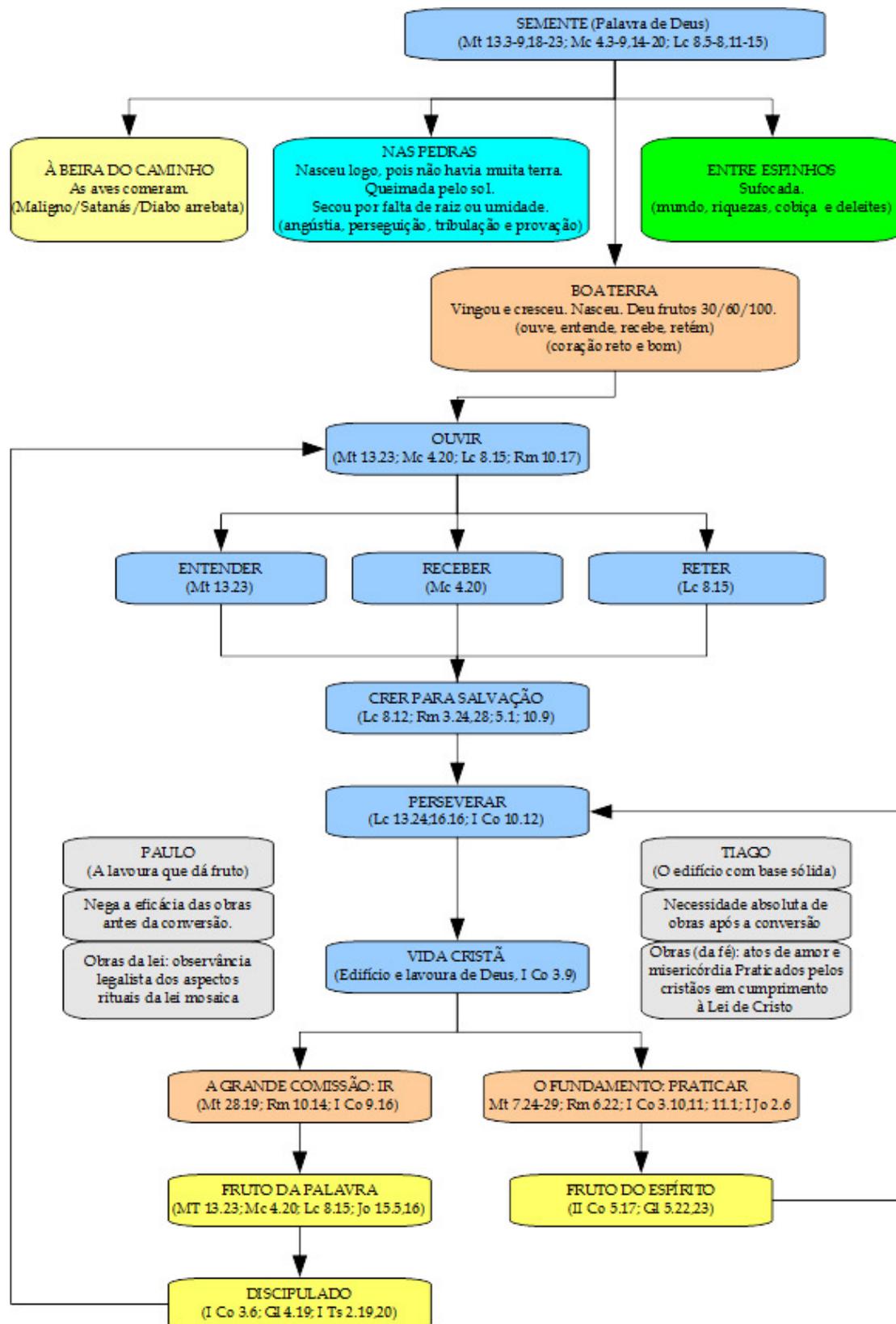


Figura 4: Ciclo de Vida do Cristão.

7. IMPLICAÇÕES EM RELAÇÃO À TEOLOGIA REFORMADA CALVINISTA

É interessante notar que Jesus iniciou a narrativa com um comentário sobre as pessoas que não receberam a mensagem. Essas pessoas foram representadas pela posição “fora do caminho” e Ele ressaltou a influência maligna externa que as impediu (a mensagem foi pisoteada e comida por aves). Não houve menção a algum terreno incapaz (internamente e completamente) de receber e nutrir a semente (tal como um terreno estéril).

Também é digno de nota que o semeador não elegeu (escolheu ou discriminou) um ou outro terreno. A semente foi lançada em todos, chegando até mesmo a cair fora dos terrenos.

Não houve qualquer menção à adequação da semente aos terrenos, como se fosse eficaz (capaz de germinar) apenas em alguns, e não em todos. Em todos os terrenos onde caiu, a semente germinou.

A receptividade (aspecto volitivo) das pessoas em relação à mensagem foi abordado tardiamente (após o nascimento da planta) e em conjunto com a questão da permanência na fé (perseverança). A princípio, todos os terrenos onde a semente caiu permitiram que a semente germinasse. Inclusive, no caso do quarto tipo de semente, tudo deu certo, a ponto de o Senhor ter usado a expressão “dão fruto com perseverança”. Porém, apesar desse exemplo bem-sucedido, a Parábola também mostra que a salvação pode ser perdida, e isso é ilustrado em duas situações em que não há perseverança: quando as pessoas abandonam a fé por conta das dificuldades, ou quando daquela se esquecem, preferindo o mundo (I Co 3.12).

Por um lado, preferir o mundo é comparável a ter outro tipo de fé (ervas daninhas espinhosas, que germinaram ANTES da semente), possivelmente assemelhando-se a uma consciência cauterizada pelo pecado (I Tm 4.1,2). Por outro lado, abandonar a fé é comparável a um terreno quase todo estéril (quase cheio de pedras), com pouco espaço para a semente germinar. Note-se que “pouco espaço” não significa “sem espaço”. Em ambos os casos, pode-se dizer que a graça de Deus foi rejeitada, seja por abandono, seja por preferência.

A fé depende da prática (frutos do Espírito, ou obras da fé) para continuar existindo, assim como a planta depende de suas raízes para continuar existindo (Tg 2.26). Plantas sem raízes não perseveram. Ou seja, cristãos que não colocam a fé em prática (Fruto do Espírito) estão, na verdade, enganando a si mesmos (Tg 1.22). Cristãos que não evangelizam (Fruto da Palavra) estão fora do Evangelho (Jo 15.1,2,4-6), assim como as plantas sem frutos, que só servem para ser arrancadas e jogadas no fogo. Plantas sem frutos também não perseveram, ou perseveram apenas até serem retiradas da lavoura pelo próprio agricultor.

Portanto, salvo melhor juízo, parece que **o acrônimo TULIP** (geralmente considerado como referência para a teologia reformada Calvinista) **não encontra respaldo na Parábola**

do Semeador, conforme listado resumidamente a seguir:

- **Depravação Total** (*Total Depravation*): Na acepção comumente aceita de incapacitação total, todos os terrenos seriam estéreis, de modo a ser necessário preparar a terra (arar e adubar etc) ANTES de a sementeira ser feita, ou talvez plantar mudas já nascidas. Na Parábola, porém, todos os terrenos eram férteis.
- **Eleição Incondicional** (*Unconditional Election*): O semeador escolheria apenas alguns dos terrenos para semear. Nesses, lançaria a semente; nos outros, não. Na Parábola, porém, as sementes foram lançadas em todos os terrenos, e até fora deles.
- **Expição Limitada** (*Limited Expiation*): a semente só seria adequada para nascer (eficaz) em alguns terrenos específicos, mas não para todos. Na Parábola, porém, não havia sementes ruins, pois todas que caíram em terra germinaram.
- **Graça Irresistível** (*Irresistible Grace*): Em todos os terrenos, uma vez semeados, as plantas nasceriam. Na Parábola, porém, havia o terreno espinhoso onde, após a aceitação da palavra, ocorreu a rejeição da fé, a favor do mundo.
- **Perseverança dos Santos** (*Perseverance of the Saints*): Todos os terrenos, uma vez semeados, produziram frutos. Na Parábola, porém, havia o terreno pedregoso, que representa a desistência da fé.

8. CONCLUSÕES

A análise das metáforas contidas na Parábola do Semeador provou ser de grande utilidade para ajudar a esclarecer diversos pontos da teologia pentecostal. Várias questões foram respondidas, dentre elas: Que frutos o cristão deve produzir? Qual é a relação desses frutos com as obras? De que modo as obras podem influenciar a salvação – se é que podem? Como harmonizar as teologias aparentemente contraditórias de Paulo e Tiago em relação às obras? Por fim, a Parábola do Semeador parece apresentar implicações altamente restritivas para a aceitação do esquema TULIP, tradicionalmente empregado como representativo da soteriologia reformada calvinista.

BIBLIOGRAFIA

- Bíblia Sagrada – Versão Revisada da Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, JUERP/IBB, 1974.
- MOO, D. J. Tiago – Introdução e Comentário. São Paulo, Vida Nova / Mundo Cristão, 1990/2005.